

## **RAUL PROENÇA: UM PERFIL DO FILÓSOFO.**

*“Porque acima de tudo e além de tudo, eu fiz da vida o meu culto e fiz da liberdade uma paixão”*

*“Quando falo na minha “filosofia” não se imagine que tenho pretensões a “pensador”. Filosofia é aqui um termo cómodo para exprimir as tendências do meu espirito”*

*Raul Proença*

Doutrinário político e filósofo (Caldas da Rainha 1884, Porto 1941), Raul Sangreman Proença fez os seus estudos liceais em Coimbra e Lisboa e, nesta última cidade, frequentou e concluiu em 1905 o curso do Instituto Comercial e Industrial.

Ainda muito jovem adere ao Partido Republicano, revelando desde cedo na imprensa grande argúcia e lucidez no combate político.<sup>1</sup>

Considerado por António Reis (um dos poucos estudiosos e divulgadores do pensamento de Raul Proença) como “o mestre de toda uma geração de intelectuais durante o regime republicano”<sup>2</sup>, Raul Proença merece contudo mais estudo e divulgação, principalmente no concerne ao seu pensamento filosófico.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Com apenas 16 anos publica o seu primeiro artigo “Os Boers nas Caldas”, in *Círculo das Caldas*, nº 362, 14 de Abril de 1901.

<sup>2</sup> Raul Proença, *Antologia I*, Ministério da Cultura em colaboração com a Direcção Geral da Comunicação Social, Lisboa 1985.

<sup>3</sup> Neste domínio existe apenas um estudo de Sant’Anna Dioniso, intitulado “O pensamento especulativo e agente de Raul Proença”; um artigo de António Reis, “O pensamento filosófico de Raul Proença”, in *Revista Prelo*, nº13, 1986, Imprensa Nacional Casa da Moeda e finalmente um artigo de António Braz Teixeira, in “*Ética Filosofia e Religião*”, edição Pendor, Évora 1997.

Ficou sobretudo conhecido, em alguns dos círculos mais esclarecidos e informados, como colaborador da *Alma Nacional*, de António José de Almeida, como organizador e dinamizador do *Guia de Portugal* e pela sua grande ligação à revista *Seara Nova*, de que foi fundador e assíduo colaborador, mesmo em alguns momentos mais difíceis da sua vida.

Jornalista, ensaísta político, bibliotecário, Raul Proença foi um estudioso e atento divulgador do nosso património cultural e natural todas estas funções desempenhando de corpo e alma. Contudo, o seu pensamento filosófico espera ainda aturada análise e investigação, pois que, e embora se tenha assumido publicamente como “intelectual político”, é a sua reflexão filosófica, nem sempre clara ou pelo menos explícita, mas quase sempre implícita, que acaba por ser o fundamento do seu pensamento ético-político.

O problema no tratamento do pensamento filosófico do nosso autor é a dispersão dos seus escritos, excepção feita aos dois volumes sobre *O Eterno Retorno*.<sup>1</sup>

Mas a dispersão do seu pensamento filosófico deve-se também ao grande numero de artigos que escreveu sobre temáticas muito diferentes e de onde podemos retirar em grande parte aquelas que foram as suas primordiais intuições filosóficas. Por isso, a sua dispersão foi consequente e consciente resultando da vida do homem que lutou de forma apaixonada e livre pelos ideais que defendia, nunca alheio à vida que palpita e imbuído de um profundo sentido humanista da vida, dominado por uma acentuada preocupação ética.

No grupo da *Renascença Portuguesa* a que pertenceu, e onde inicialmente desempenhou um importante papel de mediador entre os “sócios” do Porto (em que Teixeira de Pascoaes era o “líder”) e os de Lisboa, no sentido do consenso relativamente aos ideais deste movimento cultural, Proença colabora também em *A Águia*, de 1910 a 1917, de forma empenhada e assídua. Contudo, o consenso revelara-se difícil, acabando por se afastar por dificuldades relativas às concepções políticas que sub-repticiamente o movimento

---

<sup>1</sup> Mais uma vez saliento o excelente trabalho e dedicação de António Reis, que na Biblioteca Nacional, onde se encontra o espólio da obra de Proença, investiu muito do seu tempo e paciência para decifrar, coligir e organizar estes dois volumes, além de outras três publicações de Antologias de textos seleccionados, de grande importância para aqueles que pretendam estudar o pensamento deste homem que não podemos ou não devemos ignorar.

encarnava e que não se coadunavam com as suas, talvez demasiado progressistas para o tempo.

Com Jaime Cortesão, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro e Câmara Reis (também estes inicialmente ligados ao movimento da *Renascença Portuguesa*), Raul Proença funda em 1921 a revista *Seara Nova*<sup>5</sup> onde a sua colaboração de doutrinação política e filosófica foi extensíssima e onde podemos encontrar, entre tantas outras, as séries de artigos “Acerca do Integralismo Lusitano”, 1921–1922 e “Para um evangelho de uma acção idealista no mundo real”, 1918-1929.

O papel de doutrinador político foi desde o início da sua vida por demais evidente, assumindo-se publicamente como tal num apostolado junto dos homens públicos e das “élites”, tendo como horizonte uma reforma das mentalidades no sentido da construção da democracia, sendo também verdade que a base deste seu pensamento estava alicerçada em reflexões de natureza filosófica, decorrentes da sua inquietação e ansiedade diante do homem e da vida. O seu caminho intelectual inicia-se com as suas primeiras tentativas no âmbito da doutrina positivista que Teófilo Braga e seus mais directos discípulos divulgavam. Mas embora a sua admiração pelo autor do *Catecismo Positivista* fosse grande, decorrendo talvez da sua necessidade de solidificar um certo afã propagandístico, através do recurso a um sistema de pensamento que se reclamava totalizante e apontava a inevitabilidade da instauração da República, também sabemos que as preocupações de Proença não se ficavam apenas por aí, pois era a República como advento da Democracia a sua aposta social, ética e política.

No que concerne à sua concepção de Homem, contrariamente ao positivismo, Proença defende que mais do que matéria, o homem é espírito, uma realidade irredutível à matéria<sup>6</sup>. Assim, vai orientar-se para um espiritualismo racionalista com uma forte preocupação

---

<sup>5</sup> Na apresentação desta revista, Proença afirma os seus propósitos: “a Seara Nova representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos políticos, mas não da vida política, para que se erga, acima do circo onde se debatem os interesses das clientelas e das oligarquias plutocráticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altas consciências e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessárias à vida nacional”, in *Seara Nova*, nº1, 15/10/1921

<sup>6</sup> “... o homem, que, mais do que matéria é constituído por uma alma e um espírito (...) . A alma e o espírito humanos não querem a *repetição*, querem a *prolação* – viver, e não apenas reviver, mas durar (que é não deixar nunca de viver), e viver eternamente”, in *Seara Nova*, 1938, p. 200

ética, ao mesmo tempo que afirma a separação radical entre a matéria e o espírito, considerando a legitimidade da metafísica como irrecusável, pois ela decorre do próprio pensamento do homem, quase como uma espécie de necessidade moral.<sup>7</sup>

O racionalismo de Proença não nega, limita ou calunia a razão, mas ao mesmo tempo não ignora o papel e o valor do sentimento e da vontade, acreditando que o homem é um ser que progride, se cria e recria pelo espírito, encontrando na sociedade o lugar para esse desenvolvimento, cabendo ao Estado como fim supremo o desenvolvimento da cultura e da justiça<sup>8</sup>.

O pensamento filosófico de Proença surge então como revolta contra aqueles que trabalham para o triunfo do homo faber, da doutrina do facto<sup>9</sup> e da hegemonia do inferior, sendo sim defensor de uma filosofia da “lealdade, da veracidade e da virilidade”.<sup>10</sup>

A natureza ética do pensamento proençeano manifesta-se permanentemente em quase todos os seus escritos, pois acreditava na vontade humana e na sua acção transformadora mediante o progresso espiritual, graças à consciência que, instaurando a ética, cria o mundo dos fins e os critérios do bem e do mal, fazendo-o de forma natural e livre já que a “liberdade da consciência é o dom da humanidade”<sup>11</sup>. Esta liberdade é a da pessoa moral, garantida pelo espírito que anseia<sup>12</sup>.

---

<sup>7</sup> Assim se compreende o seu afastamento do positivismo, não só por razões de ordem ideológica no campo político mas também porque em termos mais especificamente filosóficos, esta doutrina não se adequava ao seu espiritualismo, chegando mesmo ao criticar várias correntes filosóficas do seu tempo apontar como um dos grandes erros do positivismo a recusa da legitimidade da metafísica. Sobre esta crítica, consulte-se “Os Letrados e a Democracia” (2ª parte), in *Seara Nova*, nº126, 9/08/1928.

<sup>8</sup> A propósito da ordem social, o Proença afirma que... “é a sinergia de todas as vontades livres, e a verdade só se estabelece pelo concurso das inteligências individuais”, in “A tolerância”, *Alma Nacional*, nº14, 12/05/1910, p. 189. No que concerne ao Estado, escreve “concebo uma teoria do estado que eriga em objectivo supremo o desenvolvimento progressivo da cultura e da justiça”, in *Páginas de Política*, II, p. 18

<sup>9</sup> Raul Proença não estaria aqui muito longe do pensamento filosófico de Leonardo Coimbra quando este critica e se insurge contra as tendências petrificadoras do pensamento, isto é, o “Cousismo” do pensamento.

<sup>10</sup> In “Sobre a existência de Deus e a lealdade da consciência”, in *Seara Nova*, nº47, 13/05/1926.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 190.

<sup>12</sup> Esta concepção de liberdade entendida em termos de criação, de superação e de ultrapassamento do inferior está próxima da concepção leonardina de liberdade.

Assente numa concepção de racionalismo sui géneris, a filosofia de Proença não se move por princípios reducionistas, mas de tolerância, de abertura, pois não há princípios absolutamente certos, defendendo que aquilo que hoje se harmoniza com os factos, amanhã “por um conhecimento de maior número de condições fenomenais” pode deixar de ter sentido. Assim, “desconfiar dos princípios certos não representa um declínio da razão”,<sup>13</sup> mas sim a crença no próprio homem que pode, graças a novas energias, ver mais longe, porque atingir a suprema verdade significaria repousar na inacção, perdendo valor o homem e a vida<sup>14</sup>.

A inteligência, os afectos e a vontade constituem uma espécie de trilogia no equilíbrio dinâmico do homem, pelo que as leis lógicas não lhe são suficientes. Esta opção de natureza ética inerente ao próprio homem tem um outro suporte, que é a sua natureza ontológica. e aqui Proença defende, como já referimos, o primado do espírito sobre a matéria, é por ele que o homem se pode elevar para superiores formas de existência através de uma moral da coerência em que dinamismo e criação concorrem para a superação da criatura, do feito e do “puro facto”. Nesta perspectiva a vida é entendida então como um progresso, “uma aspiração cada vez mais consciente e menos surda a formas de existência cada vez mais altas”<sup>15</sup>, por isso a vida é obra de permanente criação em que “o homem de elite tem de tomar nela o papel que lhe está reservado”<sup>16</sup>, ou seja, “tem de ser, ele também uma das mais poderosas lançadeiras do progresso do mundo”<sup>17</sup>. Será, pois, o homem de elite o agente do progresso da cultura e da justiça e, por isso, a “maior esperança do mundo”<sup>18</sup>.

Raul Proença, defensor de um republicanismo socialista com uma forte componente individualista (que está na base da sua oposição e crítica a Jean Jacques Rousseau), considera a educação e

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 190.

<sup>14</sup> “Há mais real grandeza numa alma que se abre, que se alarga, que se aprofunda, do que nas almazinhas satisfeitas que se contentam. Todo o valor da vida está em se sentir em movimento em ter consciência da sua dinâmica”, in “A tolerância”, *Alma Nacional*, nº14, 12/05/1910, p. 190.

<sup>15</sup> “A Filosofia de Epicuro e a Concepção Heróica da Vida”, in *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, nº4, Outubro/Dezembro de 1920, página 312.

<sup>16</sup> Ibidem página 313.

<sup>17</sup> Ibidem página 313.

<sup>18</sup> Ibidem, página 313.

as élites<sup>19</sup> de importância fundamental no processo de desenvolvimento espiritual de cada um e da sociedade, levando-o a defender a liberdade<sup>20</sup> como um valor superior que se alcança de forma paralela com a justiça.

Nesse sentido, a aposta de Raul Proença vai para o verdadeiro “homem de elite”, que constituía afinal a sua grande esperança (talvez a única) para que o estado político-social em que se encontrava o país pudesse vir a rejuvenescer e em que a política teria que ser vista como “a mais nobre e a mais bela das ocupações do homem”<sup>21</sup>. As qualidades do homem de elite e os valores pelos quais teria que reger-se eram de tal forma superiores que não seria ousado dizer que não estaríamos muito longe da ideia de super-homem de Nietzsche<sup>22</sup>.

Contudo o homem de elite ainda não tinha despertado para o progresso espiritual da vida, estando “imerso no sono epicureo”<sup>23</sup>, mesmo assim, e apesar de ele não se ter revelado ainda “em toda a sua grandeza e profundidade, a dinâmica criadora da vida como força de progresso moral para formas cada vez mais elevadas, acabaria talvez por o fazer despertar.”<sup>24</sup>

---

<sup>19</sup> Da produção de uma elite, diz Raul Proença que depende o nosso futuro, por isso ela terá de ser formada por homens generosos de exemplar coragem moral e “faça esquecer esse falso escol que para aí está supondo-se glorioso e imortal”, e que carecem de ideais e de ideias. Por isso e na defesa do que se designa por elite afirma “que é preciso termos um ideal [...]. Queiramos pensar, sentir e agir como homens, embarcar na terra para algum mais alto. Não há nada mais prático do que dar aos espíritos esta comoção, esta ânsia esta religiosidade fervorosa. O ensino prático não é só o ensino que faz caixeiros, guarda-livros e condutores de obras- é aquele que faz homens, capazes de sentir um ideal e de compreender o preço da vida”.. In “Alguns vícios da educação no nosso país,” II, Alma Nacional, nº 15, 19/05/1910, p. 240.

<sup>20</sup> “...acima de todos os interesses materiais está a soberania tranquila e inviolável da nossa liberdade...”, in “Independência”, A República, nº 45, 11/05/1908.

<sup>21</sup> In “A Filosofia de Epicuro e a Concepção Heróica da Vida”, *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, nº 4 Out/Dez, 1920, pag.230.

<sup>22</sup> Aliás como se sabe Raul Proença conhecia bem o pensamento de Nietzsche, tendo a ideia do Eterno Retorno do autor de “Assim falava Zaratustra” constituído um dos mais importantes pontos de partida da reflexão filosófica de Proença, obra publicada em dois volumes com o título “O Eterno Retorno”, embora ainda incompleta pois existem ainda manuscritos sobre o mesmo tema na BN, que depois de tratados poderão constituir um III volume.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 321

<sup>24</sup> Ibidem, p. 320

Por isso, se como diz o poeta, “pelo sonho é que vamos”, poderíamos dizer que também Raul Proença teve o sonho de um dia alguns homens acordarem verdadeiramente para a vida, imbuídos de uma moral do heroísmo, do dever, em suma, de uma moral da prática do Bem.

Contudo, e ainda que o homem de elite venha em primeiro lugar tentar dar uma resposta à problemática ético-política a que Raul Proença consagrou a maior parte do seu pensamento, também as ansiedades e interrogações de índole ético-metafísica ocupam e movem profundamente o seu pensamento. Assim, o seu pensamento filosófico vai centrar-se acima de tudo na resposta ao problema da imortalidade, questão a partir da qual se vai desenvolver a sua reflexão sobre o eterno retorno, constituindo também o tema fulcral dos seus mais importantes ensaios filosóficos.<sup>25</sup>

Considerando dever manter-se numa atitude agnóstica ou, como ele próprio classificou, de “ateísmo mitigado”, uma vez que tinha como quase infinita a improbabilidade da existência de Deus, admite de qualquer modo que, se de facto Deus existe, é necessariamente pessoal, assim como será pessoal a imortalidade do espírito. O seu ateísmo vai decorrer de uma exigência máxima da moralidade do homem e do seu progresso espiritual, que passaria pela coragem de olhar a verdade “nua e crua” de frente e, simultaneamente, de se sujeitar à prova e à dor de carregar sobre os ombros, serena e resignadamente a vida e “sentir e aceitar a tragédia da vida, e as dores sem recompensa, e o sacrifício sem paga, e o dom de si mesmo sem condições, e o divino sem Deus, e o bem amado em si divino sem Deus, e o amado em si e por si...”<sup>26</sup>.

De certo modo, a ausência de fé suporia uma maior fé, isto é, uma fé sem limites na própria capacidade do homem de enfrentar o mundo sem Deus. Perspectivada a moral sob o ponto de vista da moralidade pura, Deus não deveria existir, pois o bem em si, que não contempla a ideia de prémio ou castigo, ficaria defraudado e perderia o sentido. Por isso, afirma Proença “a crença na inexistência de Deus e da vida eterna, com todas as sanções futuras

---

<sup>25</sup> Destes destaca-se “O problema religioso”, 1922; “Sobre a Existência de Deus e a Liberdade de Consciência”, 1925; “O Evangelho contra o Evangelho e o mundo Cristão contra o Cristianismo”, 1940. Todos estes artigos foram publicados na revista *Seara Nova*.

<sup>26</sup> In, “O problema religioso”, *Seara Nova*, nº 19, 03/11/1922

andavam ligadas a essas ideias, seria por assim dizer a condição *sine qua non* da moralidade pura. O bem seria aceite e aprovado, sem que necessário fosse que o fizesse ouvir em qualquer parte, qualquer voz sobre-humana. Ela ressoaria, como as farpas eólicas, do simples sopro da consciência. E o Sinai estaria no nosso espírito e apenas das sarças ardentes do nosso espírito sairiam as tábuas da lei".<sup>27</sup>

Esta grandiosa exigência ética de Raul Proença seria para todos desejável, afirmando "tal é a doutrina que mais exige do homem, melhor o experimenta, e mais o ergue em humanidade profunda".<sup>28</sup>

É problemático este caminho, e Proença teve a clara consciência disso, daí as suas sinceras palavras "As coisas não são, pois, simples. Por um lado Deus introduz um domínio espúrio, extra e infra-moral na região da moralidade por outro infunde uma segurança ao espírito que o ateísmo só muito insuficientemente lhe pode dar. Por um lado *croix*, por outro *pile*. Que escolho afinal? Deixo-me ficar na atitude puramente agnóstica, pois que nunca o meu espírito poderá assumir a atitude do crente, quer dizer, *fundar juízos de existência sobre juízos de valor*. Não me deixo, porém, equivocar sobre a significação exacta desse agnosticismo, que eu definiria antes um ateísmo mitigado - concluindo, não pela negação, mas pela quase infinita improbabilidade de Deus".<sup>29</sup>

O pensamento e a "filosofia idealista" ou "Ideo-Realismo" de Raul Proença, como ele mesmo designou, foram, seja qual a interpretação que deles se faça, a expressão de um profundo respeito e coerência, onde a inspiração ética sempre esteve presente, lutando, apesar das dramáticas vicissitudes dos seus últimos anos de vida, por uma religião - **a Vida**, entendendo-se aqui *religião*, tal como Proença um dia a definiu: "*Religião* é isto que dentro de nós proclama comovidamente e efusivamente a necessidade e o valor eterno do Bem".<sup>30</sup>

Maria Celeste Lopes Natário

---

<sup>27</sup> Ibidem

<sup>28</sup> Ibidem

<sup>29</sup> In "Sobre a Existência de Deus e a Lealdade da Consciência", in, *Seara Nova*, nº 40, Janeiro 1925

<sup>30</sup> In "Alguns vícios de educação no nosso país" II, *Alma Nacional*, nº 16, 26/05/1910, p. 239.